

f

<

<http://www.facebook.com/maredenoticiasoficial>>

@

<

<http://instagram.com/maredenoticias/>>

🐦

<

<http://twitter.com/MareNoticias>>

MARÉ
DE NOTÍCIAS ONLINE

🏠 [Home](#) > [Arte e Cultura](#) > [Festival de Outono...](#)



Festival de Outono de Paris homenageia coreógrafa Lia Rodrigues e ONG Redes da Maré

ARTE E CULTURA

CIDADE

CULTURA

🕒 1 de dezembro de 2021

💬 0

👁️ 6 minutes read

Evento "Viva Maré" faz parte da programação oficial da homenagem à artista da dança

Por Redação, em 01/12/2021 às 14h38

Homenageada na edição de 2021 do Festival de Outono de Paris, a coreógrafa Lia Rodrigues decidiu que seu retrato oferecido na programação daquela que é uma das principais plataformas das artes

contemporâneas do mundo não seria uma selfie mas, sim, uma fotografia em conjunto, com a presença de parceiros e amigos. E, entre eles, a ONG Redes da Maré está em um lugar especial.

“A Maré é parte importante do meu trabalho, tendo me transformado como pessoa, como artista e como cidadã. Ali encontro pessoas e projetos que me fazem ter vontade de existir. Tudo que a Redes da Maré faz tem excelência e mostra a potência da favela. Por isso, a importância de divulgar seus projetos e ações para muito além do Rio de Janeiro”, diz **Lia Rodrigues**, que em 2004 chegou na Maré para uma residência de sua companhia e em parceria com a Redes fundou o Centro de Artes da Maré, em 2009, e dois anos depois, a Escola Livre de Dança da Maré.

A partir do dia 10 de dezembro o vínculo entre a Maré, Lia Rodrigues e Redes ganhará força na exposição internacional “**Viva Maré, Lia Rodrigues e Redes da Maré** < <https://www.104.fr/fiche-evenement/viva-mare.html> >”, no Centquatre-Paris, na França. O evento-exposição apresenta as 16 favelas que compõem a Maré e as ações da organização, numa experiência multissensorial em projetos emblemáticos dos cinco eixos de trabalhos da instituição, incluindo a campanha “A Maré diz não ao coronavírus”, feita desde o início da pandemia. A paisagem sonora e a paisagem visual intensas que marcam as favelas da Maré embalam o encontro com o público do Centquatre: muitos dos 60 projetos da Redes da Maré são apresentados em vídeos, com destaque especial ao Centro de Artes da Maré, símbolo da parceria com companhia de Lia Rodrigues.

Outra parte importante do evento “Viva Maré” é o diálogo com o público francês, através de oficinas de arte – azulejos, som e móveis – e de dança especialmente ministradas pelos artistas ligados à Redes. Tendo como tema-disparador a pergunta “O que me faz ter vontade de existir?”, as oficinas de arte propõem um encontro artístico e territorial entre os moradores da Maré e o público frequentador do Centquatre. A proposta é que os franceses criem seus trabalhos embalados por frases marcantes dos cariocas a partir da mesma pergunta. O resultado desse encontro franco-brasileiro sonoro e visual vai ocupar uma das salas da mostra.

Haverá espaço pra dança. Em “Baile Encantado”, o público é convidado a mexer o corpo como se estivesse no Baile da Nova Holanda. Uma playlist especialmente criada pelo DJ Renan, cria da Maré, se junta a imagens de vídeo captadas pelo fotógrafo Douglas Lopes, ao longo dos últimos anos no baile funk da Maré. É ali, nesta mesma sala, que a Escola Livre de Dança da Maré também estará representada. Uma aula de hip hop inédita do professor Renato Cruz será projetada para que o público local tenha a chance de entrar na dança com sotaque brasileiro.

Como parte do evento, haverá também uma conferência sobre as ações da Redes na Maré, com participação de **Eliana Sousa Silva**, diretora da Redes da Maré; de Pâmela Carvalho, coordenadora do Eixo de Arte, Cultura,

Memória e Identidades da Redes; e da coreógrafa Lia Rodrigues; com mediação de Maira Gabriel Anhorn, responsável pelas relações institucionais da Redes.

“A possibilidade de levar a Redes da Maré para a França, a partir da exposição de alguns projetos que realizamos, é algo que enche nosso coração de alegria. Sempre trabalhamos com a ideia de que encontros são fundamentais para que trocas se estabeleçam e é, por isso, que acreditamos ser essa uma oportunidade singular de mostrar aos franceses uma parte do Brasil sem glamour. Ao contrário disso, um Brasil que luta para se estabelecer e ser reconhecido no seus direitos. Um Brasil visto a partir de uma janela na favela e que se reconhece na sua resiliência e potência”, afirma a diretora.

O evento “Viva Maré” tem curadoria da jornalista e pesquisadora de dança Adriana Pavlova e da artista Laura Taves, responsável pelo projeto Atelier Azulejaria, realizado nas favelas da Maré, em parceria com a Redes da Maré, desde 2006. O projeto de exposição é assinado por Laura Taves e João Rivera e o projeto sonoro tem concepção de Rafael Rocha e Rodrigo Maré.

A homenagem do Festival de Outono de Paris ao trabalho de Lia Rodrigues tem como ponto alto a estreia mundial do novo trabalho da coreógrafa brasileira, “Encantado”, que estreia primeiro numa temporada no Théâtre de Chaillot (<https://theatre-chaillot.fr/fr/saison-2021-2022/encantado>), em Paris, seguindo depois para o Centquatre, no dia 10 de dezembro, simultaneamente à mostra “Viva Maré”. “Encantado” é o sétimo trabalho criado pela coreógrafa na Maré desde a chegada à favela.

A expectativa é que a mostra “Viva Maré” e “Encantado” cheguem ao Centro de Artes da Maré em 2022.



La chorégraphe Lia Rodrigues, ambassadrice d'une danse brésilienne contemporaine et rebelle

🕒 5 minutes à lire Article réservé aux abonnés

Emmanuelle Bouchez

Publié le 01/12/21

Partager



Lia Rodrigues peaufine son spectacle Encantado à la MÉCA à Bordeaux, où elle est en résidence, en novembre 2021.

Rodolphe ESCHER / Rodolphe Escher

**Invitée du Festival d'automne,
Lia Rodrigues présente son
dernier spectacle, Encantados,
où les esprits de la nature
viennent réveiller les corps...
Dans le Brésil de Bolsonaro,
elle impose sa danse terrienne,
dotée d'une forte énergie
vitale.**

Elle est sur des charbons ardents, mais souriante, comme toujours. Dix jours avant son départ pour la France, où elle présentera sa nouvelle création, la chorégraphe brésilienne Lia Rodrigues commente, en vidéo depuis Rio, l'état des choses. Elle ne cache rien : « *Le transport d'un spectacle d'un continent à l'autre est toujours délicat : ici, on travaille en lumière naturelle ; à notre arrivée sur place, il faut tout recréer et réadapter les danseurs aux « boîtes noires » des théâtres.* » Mais pas d'angoisse avant **la première à Chaillot** : à 65 ans, elle en a vu tant d'autres ! Au Brésil, depuis la fondation de sa compagnie il y a plus de trente ans, elle bataille au quotidien et ne peut se permettre de longues absences. Ainsi, elle n'a pu accompagner à Paris les artistes de l'ancienne et nouvelle garde brésilienne (Marcelo Evelin, Volmir Cordeiro, Ana Pi ou Marcela Levi) invités sur ses conseils dans le cadre du « portrait » que le Festival d'automne lui consacre.

Terrienne, ancrée, solide et libre

Définir la planète chorégraphique de son pays ? Impossible, tant celui-ci est immense, mais elle compte sur l'édition 2021 de ce festival pour que « *le public parisien ait enfin les moyens d'évacuer des idées préconçues sur un art venant du sud, qui serait « exotique », pas assez conceptuel, et ne cocherait pas les cases pour être vraiment contemporain. Et qui révèle une façon de voir le monde différente de la vision occidentale, décentrée.*

» On observe dans le répertoire de Lia Rodrigues une autre manière d'habiter le corps en mouvement. Terrienne, ancrée, solide et libre, avec une impressionnante énergie vitale, comme dans *Fúria* (2018), le dernier spectacle d'elle qu'on ait vu en France. « *Femme de la classe moyenne blanche* » quand la majorité de la population de son pays est noire ou métisse, Lia Rodrigues ne conçoit pas son rôle de chorégraphe sans une ouverture totale à l'autre et mêle, au sein de sa compagnie, toutes les sources qui coulent au Brésil. Elle se nourrit de multiples lectures qui la « *décentrent* » elle aussi. Aujourd'hui, intéressée par le thème des esprits dans les cosmogonies amérindiennes ou africaines, Lia Rodrigues ne croit plus en l'existence éternelle de la forêt primaire amazonienne : « *Les peuples autochtones l'ont habitée et interprétée selon leurs perceptions expertes, dont le monde occidental a toujours fait fi.* » Elle vient de choisir comme bande-son de sa création les rumeurs des manifestations, fin

août à Brasilia, des peuples premiers revendiquant la sauvegarde de leurs terres. Alors, qu'on ne lui donne pas de leçon sur le fait qu'elle et sa troupe prennent souvent l'avion vers le Vieux Continent pour travailler, et ainsi... survivre ! « *Dénoncer nos déplacements revient à construire un mur supplémentaire autour de l'Europe, où les artistes vivent confortablement. On ne sauvera la planète que si on la conçoit comme globale.* »



Avec la Belgique et l'Allemagne, la France est une terre d'accueil indispensable à cette francophone, qui a débarqué jeune chez Maguy Marin, la pionnière. Puis a choisi, « *par amour* », au début des années 80, de rentrer au pays. Elle avait une formation classique avant de danser contemporain en France, mais c'est au Brésil qu'elle est devenue chorégraphe « *presque sans s'en apercevoir* », sur la proposition d'un ami. Après avoir fondé, en 1990, sa propre compagnie à Rio, elle y dirige le festival de danse Panorama de 1992 à 2005, puis lance son gros projet : un centre d'art à la favela de

Maré. Mais rien n'est fixé dans un pays où le gouvernement ne lui donne aucun subside. Les choses sont pires encore que ce qu'elle craignait à l'arrivée au pouvoir de Jair Bolsonaro, en 2019. « *Non seulement ce président n'a mené aucune politique sanitaire, mais il continue à détruire les fondements de l'éducation, de la protection sociale et de la culture, qu'il considère comme « pervertie » ! »*

Une école de danse à Maré, une favela de Rio

Que faire, alors ? Lia Rodrigues se pose la question comme citoyenne bien plus que comme artiste. L'association Redes da Maré, sur laquelle elle s'appuie pour faire exister son centre d'art et son « école libre de danse » pour amateurs et professionnels, a transformé son espace de travail en lieu de distribution de nourriture durant les premiers mois de la pandémie. Cela continue aujourd'hui : les danseurs répètent pendant que de l'autre côté du rideau s'organisent pour les familles une aide alimentaire et une sensibilisation à la vaccination. « *Le spectacle en gardera forcément la trace.* »

En France, la compagnie va trouver des conditions de travail plus sereines, d'autant plus nécessaires que cinq nouveaux interprètes ont intégré la troupe (certains ont été formés dès leurs 14 ans dans son école) et qu'il faut encore consolider le collectif, élément primordial de son travail créatif.

Avec cette pièce inspirée des *encantados*, ces esprits hantant et protégeant la nature, l'équipe a eu « *la magie pour guide* », même si celle-ci n'est pas le sujet : « *Nous voulions simplement nous sentir « enchantés » pour avoir la force de transformer nos corps en paysages, car l'époque n'est pas si paisible pour la création.* » La troupe a inventé des territoires scéniques grâce à 140 couvertures semblables à celles que distribuent dans la rue les associations caritatives de Rio. Lia Rodrigues les a choisies une par une, dans un grand marché, pour leurs motifs colorés : « *On les « enchante » aussi, sourit-elle, car elles sont nos décors et nos seuls costumes.* » Dans ce patchwork combiné, les formes humaines ne seront pas toujours décelables. Comme sous les couches de couvertures accumulées aperçues dans les rues de bien des capitales... en Amérique du Sud comme en Europe.

À voir à Paris

Dans le cadre du Festival d'automne. 01 53 45 17 17. festival-automne.com 8-39 €.

« Encantado », du 1^{er} au 8 décembre, 20h30, le 2, 19h30, Chaillot, Théâtre national de la danse, Paris 16^e et du 10 au 14 décembre, 20h30. Centquatre, Paris 19^e.

Rencontre « Une journée avec Lia », le 5 décembre. Théâtre de la Ville, Espace Cardin, Paris 8^e.

Exposition « La Maré existe », du 10 au 31 décembre, Centquatre, Paris 19^e.

« Feijoada », de Calixto Nieto, le 12 décembre,

Centquatre, Paris 19^e.

À voir en tournée

« Encantado », le 13 janvier à L'Empreinte,
Scène nationale de de Brive-Tulle.

Le 27 janvier au Théâtre Quintaou, Scène
nationale du Sud Aquitain, Anglet.

Le 30 janvier à L'Espace Pluriels, Pau.

Le 2 février, au Carré/Colonnes, Saint-
Médard-en-Jalles.

Le 5 février au Moulin du Roc, Niort.

Le 11 février au TAP, Poitiers.

L'enchantement de Lia Rodrigues

« Encantado », de la chorégraphe brésilienne Lia Rodrigues, réunit 11 interprètes pour une cérémonie des esprits et des corps. « Une danse sans fin » visuellement splendide, à découvrir à Chaillot puis au Centquatre-Paris, dans le cadre du festival d'automne.



La nouvelle création de Lia Rodrigues tient tout à la fois du cérémonial empreint de magie et de la chorégraphie. (© Sammi Landweer)

Par **Philippe Noisette**

Publié le 2 déc. 2021 à 12:49

Dans la pénombre du théâtre, un long tapis de couvertures colorées se déploie au sol sous les doigts des danseurs. L'effet, splendide, s'imprimera dans nos mémoires.

« Encantado », nouvelle création de Lia Rodrigues en collaboration avec sa compagnie, tient tout à la fois du cérémonial empreint de magie et de la chorégraphie. Créé en temps de pandémie, le spectacle est traversé de peurs et d'espoir. Celui d'un monde dialoguant avec la nature, la respectant surtout.

La fibre écologique de Lia Rodrigues n'est pas nouvelle, même si son art se veut avant tout fictionnel. Une heure durant, elle va déployer ses sortilèges de chorégraphe chamane, pimentant « Encantado » de danse baroque ou de voguing, célébrant la diversité des corps aussi, souvent nus. De ces couvertures « pauvres », elle fait une tapisserie éblouissante, les solistes imaginant coiffes, capes ou parures dans un élan de créativité.

A ces instants-là, la grammaire gestuelle de Lia Rodrigues n'est pas si éloignée de celle de la chorégraphe Pina Bausch. On pense également aux univers de Sheila Hicks, artiste textile américaine. Il s'agit de faire et défaire, imaginer des formes mouvantes et des sculptures corporelles.

Savant désordre

« Encantado » est une performance à tous les égards. Mais sous la toile, le spectateur découvre les grimaces des visages et les sons en boucle - extraits d'une manifestation de peuples autochtones à Brasilia l'été dernier. L'ensemble paraît se déplacer sur le plateau dans un savant désordre.

Lia Rodrigues raconte qu'elle a dû inventer des protocoles de travail au départ de cette aventure pour éviter les infections. Des îles de danse qui, sous nos yeux, se transforment en un archipel chorégraphique. Le résultat est d'une force visuelle unique à défaut d'égaliser « Furia », précédente création de Lia Rodrigues qui tourna pendant 2 ans.

« Encantado » bénéficie du soutien de scènes nationales en Aquitaine comme de Chaillot Paris ou de la fondation d'entreprise Hermès. Au Brésil, il n'y a presque rien pour les arts rappelle Lia Rodrigues. Après les dates françaises, la troupe espère montrer « Encantado » dans son lieu installé au sien de la favela de La Mare à Rio de Janeiro. Pour enchanter un autre quotidien.

ENCANTADO

Danse

de Lia Rodrigues

Paris, [Théâtre National de la Danse](#)

[Chaillot](#), jusqu'au 8 décembre

[Centquatre-Paris](#) du 10 au 14 décembre

www.festival-automne.com

Théâtre National de la Danse, Chaillot Paris jusqu'au 8 décembre, Cenquatre Paris du 10 au 14 décembre www.festival-automne.com

Philippe Noisette

Coreógrafa Lia Rodrigues estreia em Paris novo espetáculo produzido na Maré



03/12/2021 13h38

O espetáculo de dança "Encantado", de Lia Rodrigues, encerra a programação imaginada pela coreógrafa brasileira para o Festival de Outono de Paris. O espetáculo estreou na quarta-feira (1º) no Teatro de Chaillot da capital francesa, depois de nove meses intensos de criação, durante a pandemia.

O espetáculo de dança "Encantado", de Lia Rodrigues, encerra a programação imaginada pela coreógrafa brasileira para o Festival de Outono de Paris. O espetáculo estreou na quarta-feira (1º) no Teatro de Chaillot da capital francesa, depois de nove meses intensos de criação, durante a pandemia.

Em cena, onze bailarinos da companhia de Lia Rodrigues, sediada no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, e de onde são originários vários dançarinos.

"Eu fico encantada pelo fato de poder fazer um trabalho de dança no Brasil hoje. A gente tem um presidente genocida, que tem um projeto de destruição não só do meio ambiente como da cultura e de todas as instituições democráticas no Brasil. Então eu acho que é muito importante falar que a gente conseguiu montar um projeto de dança dentro do Centro de Artes da Maré", conta a coreógrafa.

Para ela, o espetáculo é uma forma de resistência ao atual governo brasileiro. "Eu acho que a gente pode ligar a festa à resistência. A festa no Brasil tem um significado muito forte", diz Lia, sobre a primeira parte do espetáculo, em que os bailarinos se cobrem um a um com cobertores que são oferecidos aos moradores de rua do Rio de Janeiro, "principalmente agora, com o aumento gigantesco da pobreza".

"Eu fui muito inspirada, no início a pandemia, em 2020, por um livro do Itamar Vieira que se chama Torto Arado, em que uma história é contada por três perspectivas diferentes, e a última é mulheres de um Encantado. Isso foi o ponto de partida para o trabalho", diz Lia, que usa um trecho da música indígena cantada durante as [manifestações contra o marco temporal](#), em agosto e setembro deste ano.

Lia Rodrigues é uma embaixadora da dança contemporânea brasileira na França. O Festival de Outono, o tradicional evento de artes plásticas, dança, teatro e música de Paris, a homenageou nesta 50ª edição dedicando uma programação especial à coreógrafa brasileira.

Mas ao invés de escolher apenas coreografias próprias, Lia Rodrigues convidou outros dez coreógrafos para apresentar do painel coletivo "Retrato Lia Rodrigues".

"O coletivo e a diversidade das formas de olhar o mundo são muito importantes. E este momento está muito duro para os artistas no Brasil. Então eu achei o melhor momento para mostrar a diversidade e a beleza destes artistas, do que eles têm para falar, das suas estéticas e pensamentos; e ao mesmo tempo de eles poderem também estar no mundo com estas propostas e terem trabalho, porque trabalho no Brasil está muito difícil", explica a coreógrafa.

"Este retrato coletivo é o mais parecido com o jeito que eu penso a vida", finaliza Lia Rodrigues.

/ critique / Encantado, le festival de corps, de couleurs et d'étoffes de Lia Rodrigues



<https://sceneweb.fr/wp-content/uploads/2021/10/encantado-1-de-lia-rodrigues-photo-sammi-landweer.jpg>

photo Sammi Landweer

**Point culminant du Portrait
que consacre le festival**

d'automne à la chorégraphe
brésilienne, la création
d'Encantado – donnée à
Chaillot puis au Centquatre à
Paris et début 2022 en
Nouvelle-Aquitaine grâce à 8
Scènes nationales* – s'offre
comme une éblouissante
fête chamarrée et débridée
qui galvanise aussi bien les
sens que l'esprit.

Le thème de l'élan, du soulèvement, à la fois politique et poétique, traverse avec une généreuse organicité toute l'œuvre de la chorégraphe brésilienne dont la troupe est installée dans une immense favela à Rio de Janeiro. Si son dernier opus, *Furia* [<https://sceneweb.fr/furia-de-lia-rodrigues/>], joué depuis 2018, imposait de forts accents insurrectionnels, la dimension militante du travail de Lia Rodrigues n'a évidemment pas disparu dans *Encantado*, une nouvelle pièce élaborée dans le contexte de la crise sanitaire qui laisse place à une tonalité moins rageuse et plus joyeuse, et même irrévérencieuse, pour continuer à lutter, résister.

Au lointain du plateau vide baigné de silence et d'obscurité, des danseurs déroulent lentement, délicatement, quantité de morceaux de tissus variés et colorés unis les uns aux autres pour recouvrir la scène d'un

tapis géant qui évoque la magie et les sortilèges des mille et une nuits. **L'univers chatoyant qui s'installe ne peut que rendre propice l'enchantement annoncé par le titre du spectacle, *Encantado*, inspiré et guidé par de bons génies issus de cosmogonies africaines et amérindiennes.**



[\[https://sceneweb.fr/wp-content/uploads/2021/12/encantado-2-de-lia-rodrigues-photo-sammi-landweer.jpg\]](https://sceneweb.fr/wp-content/uploads/2021/12/encantado-2-de-lia-rodrigues-photo-sammi-landweer.jpg)

photo Sammi Landweer

La chorégraphe place toujours au centre de son geste un dénuement physique et matériel totalement assumé. Avec l'engagement solide et l'énergie vitale qui irriguent chacune de ses pièces, **Lia Rodrigues n'a de cesse de parvenir malicieusement, audacieusement, à transcender et sublimer cette apparente pauvreté délibérée.** La précarité est ici le point de départ d'une grande parade festive qui emporte onze danseurs dans un vertige étourdissant. Nus, les interprètes s'emparent de plein d'étoffes de fortune, s'enroulent plus ou moins partiellement le corps ou la tête, et sous la force d'une géniale alchimie

chorégraphique, transforment leur frusques en de sublimes appareils toujours changeants, tels une cape, une coiffe, un jupon, une toge. Le geste est suave et lascif puis de plus en plus affranchi, volontiers amusé et outré.

Une heure durant, s'inventent et se dessinent instantanément d'étonnantes figures composites, insolites, parfois chimériques. Tour à tour sultans ou mendiants, vêtus de leurs inénarrables défroques carnavalesques, les danseurs et danseuses se livrent à une sorte de grand défilé particulièrement inspiré.

Sur une entêtante bande-son qui fait écho aux mouvements de protestation de populations indigènes menacées, les grimaces laissent finalement place aux sourires et l'oppression cède le pas à la liesse voire la transe. A partir de ces tissus virevoltants et des corps exultants, Lia Rodrigues orchestre un apparent désordre parfaitement maîtrisé et donne à voir un concentré de liberté et de créativité. Joyeuse, sensuelle, rebelle, sa danse se fait d'une théâtralité formidablement débridée. Elle célèbre la force du collectif, le pouvoir de l'imaginaire et affirme une belle diversité, toujours empreinte de combativité.

Christophe Candoni – www.sceneweb.fr

**Encantado de Lia Rodrigues
Dansé et créé en étroite**

**collaboration avec 11
danseurs**

**Assistante à la création,
Amalia Lima**

Dramaturgie, Silvia Soter

**Collaboration artistique et
images, Sammi Landweer**

**Création lumières, Nicolas
Boudier**

**Le Festival d'Automne à
Paris est producteur délégué
de la tournée française de ce
spectacle. Chaillot – Théâtre
national de la Danse, Le
CENTQUATRE-PARIS et le
Festival d'Automne à Paris
sont coproducteurs de ce
spectacle.**

**Coproduction : Chaillot –
Théâtre National de la Danse
– Paris, Le CENTQUATRE –
Paris/ Festival d'Automne à
Paris / Scène nationale
Carré-Colonnes, Bordeaux
Métropole / Le TAP – Théâtre
Auditorium de Poitiers /
Scène nationale du Sud-
Aquitain / La Coursive,
Scène nationale La Rochelle
/ L'Empreinte, Scène
nationale Brive -Tulle /**

**Théâtre d'Angoulême Scène
Nationale / Le Moulin du
Roc, Scène nationale à Niort
/ La Scène Nationale
d'Aubusson, Le
Kunstenfestivaldesarts –
Bruxelles, Theaterfestival –
Basel, HAU Hebbel am Ufer –
Berlin, Festival Oriente
Occidente – Roveretto,
Theater Freiburg, l'OARA –
Office Artistique de la Région
Nouvelle-Aquitaine –
Bordeaux et Lia Rodrigues
Companhia de Danças avec
le soutien de Redes da Maré
e Centro de Artes da Maré
ainsi que des partenaires du
FONDOC (Occitanie)**

*** Le théâtre d'Angoulême, le
Théâtre Jean Lurçat, Scène
nationale d'Aubusson, la
Scène nationale du Sud-
Aquitain Bayonne-Anglet-
Boucau-Saint-Jean-de-Luz,
la Scène nationale Carré-
Colonnes Saint-Médard-en-
Jalles / Blanquefort,
l'Empreinte, Scène nationale
Brive-Tulle, le Moulin du Roc,
Scène nationale à Niort, le**

TAP – Théâtre Auditorium de Poitiers, La Coursive, Scène nationale de La Rochelle et la compagnie de danse de Lia Rodrigues.

Durée : 1h

*du 1er au 8 décembre 2021
premières Chaillot – Théâtre national de la danse, Paris
dans le cadre du Festival d'Automne à Paris*

*du 10 au 14 décembre 2021 /
104 CENTQUATRE, Paris*

13 + 14 janvier 2022 à Brive

*25 au 28 janvier 2022 à
Bayonne avec Fúria*

31 janvier 2022 à Pau

2 février 2022 à Saint-Médard

5 + 6 février 2022 à Niort

*8 au 10 février 2022 à Poitiers
avec Fúria*



Spectacles > Danse > Encantado, les totems sans tabous de Lia Rodrigues

DANSE



Encantado, les totems sans tabous de Lia Rodrigues

Vous le savez, Lia Rodrigues est l'une des invitées du Festival d'Automne. Tout au long de ce programme elle a souvent offert ses « créneaux » à d'autres artistes brésiliens. Mais pas là. Son Encantado, soutenu par la Fondation d'entreprise Hermès, est un pas en avant dans sa magie de la transformation.

Dans toutes les pièces de Lia Rodrigues il y a des points communs : de la couleur, du monstrueux, du rythme. Sorti de là, on ne peut pas résumer son travail sous un vocable. Danse-théâtre ? Danse-cirque ? Oui et non, elle est elle, seulement elle. Elle seule sait travailler en fondu enchaîné permanent qui provoque des apparitions. On se souvient du porté genoux replié sur les bras de l'autre dans *Furia*, ou du troupeau de moutons de *Nororoca*

La danse de Lia est enivrante. Plus, elle vous possède, vous obsède, vous tient par le bout du nez, et en l'occurrence ici, par le bout du tissu. Car tout commence comme ça : au ralenti, Leonardo Nunes, Carolina Repetto, Valentina Fittipaldi, Andrey Da Silva, Larissa Lima, Ricardo Xavier, Joana Lima, David Abreu, Matheus Macena, Tiago Oliveira et Raquel Alexandre déroulent ce qui peut apparaître comme un grand patchwork. Ce sont en réalité des rectangles indépendants les uns des autres. Tient une première image, celle d'un plateau entièrement recouvert de couleurs. Comment le mouvement va-t-il arriver ? Comme vous ne pouvez pas l'imaginer.

« *Encantado* nous dit que le programme est un mot qui au Brésil fait référence à des entités qui appartiennent aux manières afro-américaines de percevoir le monde. Les « encantados » animés par des forces inconnues se déplacent entre ciel et terre ». Eh bien c'est cela qu'il se passe, entre convocations magiques, célébrations païennes et manifestes modernes pour la visibilité des corps non standardisés.

La danse est infinie, elle n'a ni début ni fin. Nous y voyons un monde qui grouille, plus proche en réalité de la ville que de la nature. Rappelons que l'école de danse de Lia Rodrigues est située à Maré, dans une Favela de Rio. On sent les ruelles, les marchés, les foules. Tout passe, les animaux, les femmes âgées voilées des pieds à la tête et les jeunes influenceuses. Tout le monde. Ah oui, au fait, ils sont nus sous les tissus qu'ils plient, tirent, déroulent... Et cela est tellement juste. Ils sont égaux, ils sont interchangeables.

Le spectacle est militant sans jamais dénoncer quoi que ce soit. Il dit les enjeux de domination et de pouvoir. On retient ce porté encore une fois grotesque. Cette fois, deux danseurs à quatre pattes en portent un troisième sur leur dos. Ils avancent en latéral, et ensemble. On a déjà vu Lia convoquer l'idée des chars, et ici elle revient sur cette idée que

des hommes sont traités comme des animaux, en esclaves. Il est aussi militant dans son rapport au monde. Le fait que les décors soient chez Lia Rodrigues souvent de la récup' ou des éléments légers dit que la nécessité de se tourner vers un *arte povera* du mouvement est urgent.

Si on regarde de près, les pas n'ont rien d'académiques, rien de très techniques. En sortant, d'ailleurs, on s'amuse à refaire le pas de base de la pièce (en y arrivant, c'est dire !). Et c'est cela qui est éblouissant (pas que nous arrivions à aligner trois pas, non) : l'idée de faire du grandiose avec presque rien. On le sait, le diable se niche dans les détails, il en va de même pour le talent. La façon qu'ont les danseur.se.s de se retrouver, de s'aligner, dans le bon tempo alors que la musique n'est pas un repère est un signe d'un travail intense en amont.

La bande son est une boucle autant que l'est ce spectacle qui pourrait se dérouler à l'infini. Il s'agit, et si ça ce n'est pas militant, on n'y comprend plus rien, d'extraits de chansons de scène du Peuple Guarani Mbyá/Village de Kalipety do T. I. territoire indigène/¿Ténondé Por?, chantées et jouées pendant la manifestation des indigènes à Brasilia en août 2021 pour la reconnaissance de leurs terres ancestrales en péril ».

Encantado est donc un spectacle parfait, de ceux qui font avancer la définition du mot « danse ». Il y a de la sculpture dans cette pièce, des arrêts sur images percutantes, et des tourbillons. On sort de là heureux et aussi retournés que les tissus qui sont le seul décor.

Encantado jusqu'au 8 décembre à Chaillot. Il reste de la place !

Puis au Cent-quatre du 10 au 14 décembre.

Visuel : ©Sammi Landweer

ResMusica

« *L'Encantado jouisseur et baroque de Lia Rodrigues* »

Delphine Goater

06 Décembre 2021

L'Encantado jouisseur et baroque de Lia Rodrigues

Le 6 décembre 2021 par Delphine Goater

Pour clôturer le Portrait qui lui était consacré par le Festival d'Automne depuis septembre, le Théâtre de Chaillot accueillait *Encantado*, dernière création de la chorégraphe brésilienne [Lia Rodrigues](#), qui y est artiste associée. Une envie communicative de réenchanter le monde et les corps.



Au Brésil, le terme « *encantado* » a plusieurs sens. S'il qualifie l'effet d'un sortilège, comme le français « *enchanté* », il désigne dans la culture sud-américaine des entités animées, les « *encantados* », qui naviguent entre ciel et terre, dunes et rochers, et en font des lieux sacrés. Ce sont ces forces mystérieuses qui ont inspiré à [Lia Rodrigues](#) *Encantado*, une pièce qui a été créée à partir du mois de mars dans un Brésil fortement touché par la crise sanitaire. Un spectacle qui complète le riche Portrait que lui a consacré le Festival d'Automne, avec des pièces comme [Noraroca](#) ou sa participation au spectacle jeune public [Les Fables à la Fontaine](#).

C'est un immense tapis coloré qui se déroule sous nos yeux, composé de couvertures multicolores. Sur cet immense patchwork s'installent des corps nus, qui s'entortillent dans les couvertures, formant un bestiaire fantastique aux formes indéterminées ; un carnaval des animaux qui fait surgir des images insolites et singulières. Forme après forme, image après image, c'est très beau travail plastique qui se construit sur le plateau avec ces onze interprètes, avec lesquels Lia Rodrigues accomplit une démarche de création proche de celle d'une sculptrice. Ils répondent à 200 % aux propositions de la chorégraphe, par leur corps, mais aussi par l'expressivité de leurs visages quand ils sont à découvert. Quatre de ces danseurs sont des enfants de Maré, l'école libre de danse que Lia Rodrigues a fondé en 2012 dans une favela de Rio de Janeiro.

Les 140 couvertures qui jonchent la scène ont été patiemment collectées pendant la phase de répétitions du spectacle. A partir d'un relief de sa précédente pièce, *Furia*, que nous avons [vu en 2018 au Théâtre de Chaillot](#), les couvertures achetées sur les marchés forment un fil rouge entre ce spectacle et le précédent, mais aussi entre chaque interprète. Avec ces simples couvertures, la chorégraphe recrée un monde extraordinaire, exubérant, baroque et universel. On voit surgir un couple et son bébé, des courtisans fantasques aux coiffes démesurées, un homme qui mène ses chiens fauves, des hommes montrant fièrement leur nudité et des femmes déchainant leur fantaisie. Peu à peu, le spectacle devient une bacchanale débridée et sauvage. Du lancer de couverture aux rituels communautaires, la fresque vivante devient sarabande, toujours joyeuse et souriante. Ces corps nus et jouisseurs sont merveilleusement libres, s'approchant de la transe au fur et à mesure de l'intensification de la musique et de la scansion du rythme.

Portefaix monstrueux de cette accumulation de couverture, les danseurs deviennent des chamanes aux excroissances multiples et mouvantes, jusqu'à se dépouiller de leurs oripeaux et quitter la scène, nus, comme ils étaient arrivés, laissant derrière eux une mer colorée et défaite.

Crédits photographiques : © Sammi Landweer

Paris. Théâtre national de la danse de Chaillot, Paris. 2-XII-21. Dans le cadre du Festival d'Automne. Lia Rodrigues : Encantado. Chorégraphie : Lia Rodrigues en étroite collaboration avec 11 danseurs. Assistante à la chorégraphie : Amalia Lima. Dramaturgie : Silvia Soter. Collaboration artistique et images : Sammi Landweer. Lumières : Nicolas Boudier. Bande sonore : Extraits de chansons de scène du Peuple Guarani Mbya/Village de Kalipety do T. I. territoire indigène/Ténonde Porã, chanté et joué pendant la manifestation des indigènes à Brasilia en août 2021 pour la reconnaissance de leurs terres ancestrales en péril. Mixage : Alexandre Seabra. Dansé et créé en étroite collaboration avec Leonardo Nunes, Carolina Repetto, Valentina Fittipaldi, Andrey Da Silva, Larissa Lima, Ricardo Xavier, Joana Lima, David Abreu, Matheus Macena, Tiago Oliveira, Raquel Alexandre

FRANCE **ÎLE-DE-FRANCE** **PARIS** **THÉÂTRE NATIONAL DE CHAILLOT**

Mots-clefs de cet article

Lia Rodrigues

Les Inrockuptibles

« Visages d'Automne : Lia Rodrigues présente « Encantado », sa nouvelle création »

La Rédaction

07 Décembre 2021

Visages d'Automne : Lia Rodrigues pré- sente « Encantado », sa nouvelle création

par La rédaction des Inrock
Publié le 7 décembre 2021 à 15h02
Mis à jour le 7 décembre 2021 à 15h02



© Simon Landwehr

Partenaire du Festival d'Automne, Les Inrockuptibles proposent une série d'interviews sur des artistes attendus à l'événement parisien. Cette semaine : Lia Rodrigues chorégraphe pour la création de Encantado avec 12 danseurs en scène.

De la favela de La Mare à Rio de Janeiro, où sa compagnie est installée, Lia Rodrigues travaille sur le vivre ensemble. Encantado, nouvelle pièce succédant à Furia, est une ode aux mondes souterrains autant qu'aux peuples indigènes du Brésil. Un «enchantement» pour les sens. Réunissant 11 interprètes au plateau –et 140 couvertures !- Encantado confirme un peu plus le talent singulier de Lia Rodrigues. Interview à quelques heures de la création.

Renseignements : Encantado, conception Lia Rodrigues. Au Théâtre National de Chaillot du 1 au 8 décembre, du 10 au 14 décembre au Cénquatre Paris avec Le Festival d'Automne.

Les
Inrockuptibles



Je m'appelle Lia Rodrigues,

Plus d'infos sur www.festival-automne.com

Libération

Ève Beauvallet

8 décembre 21

Danse

La transe exubérante de Lia Rodrigues enflamme le festival d'Automne

Article réservé aux abonnés

La nouvelle création de la chorégraphe, «Encantado», est une pièce baroque et explosive qui agit comme un rituel contre la domination raciale et sexuelle.



La pièce va du dessous au dessus, de la lenteur à la frénésie, du spectacle au rituel, au terme d'une métamorphose collective d'un fantasme fou. (sammi landweer)

Au Brésil, dans les marchés populaires de Rio, on peut acheter à bas prix des couvertures en fausse fourrure de tigre, de zèbre, d'antilope et de lion. Elles servent souvent à réchauffer les pauvres dans la rue, à occulter les fenêtres, à dissimuler tout un tas de bordel. Dans cette société où Jair Bolsonaro violente et invisibilise les noirs, [les indigènes](#), les trans, les gays, les pauvres, les artistes peuvent-ils se donner d'autres missions que celle-là : soulever la couverture pour regarder ce qui se cache dessous et faire remonter à la surface des corps, des danses, des ornements, des fêtes, des dieux, des rites qui ne vivent qu'enfouis ? C'est en tout cas la mission que se donne la chorégraphe Lia Rodrigues, [installée dans la grande favela da Maré, à Rio](#).

Encantado, sa nouvelle et magnifique création, commencera donc comme ça : sur le sol du théâtre, une centaine de couvertures bon marché recréant une faune artificielle sont étalées en un immense patchwork multicolore. Dessous, une petite communauté grouille. Le chemin, qui dure une heure, ira du dessous au dessus, de la lenteur à la frénésie, du spectacle au rituel (grande obsession des chorégraphes depuis quelques années), au terme d'une métamorphose collective d'un fantasque fou, d'où surgissent comme des clowns de leurs boîtes des grimaces de cabaret grotesque, des travestissements de carnaval, des yeux de [Joséphine Baker](#), des langues de Valeska Gert, des gros nichons frénétiques, des parodies de *catwalk*, des poses de putes, des rythmes du candomblé, des mains d'incantations magiques, des chimères à tête de lion. Soit une certaine vision, explosive, baroque, du refoulé, celui de la colonisation, bien sûr, et les corps extrêmement divers des danseurs (tous jeunes, cependant) singent et renversent les motifs de domination raciale et sexuelle. Le refoulé de la danse et du théâtre, aussi.

Forces mystérieuses

Encantado, rappelle Lia Rodrigues, d'articles de presse en plateaux télé (et voyez donc le charisme solaire de cette femme dans [l'émission 28 Minutes](#) qui la recevait cette semaine !), cela veut dire «enchanté», «émerveillé», mais le mot désigne aussi, dans la culture indigène, ces entités animées, les «*encantados*», qui naviguent entre ciel et terre, dunes et rochers, homme et animal. Des forces mystérieuses et protéiformes liées à la nature, qui nous protègent et nous meuvent, et qu'il serait salutaire, milite cette passionnée d'anthropologie, de reconsidérer. Au théâtre de Chaillot, à Paris, la pièce a fait se soulever d'un bond une partie du public, au terme d'un crescendo flamboyant à la trajectoire nette. C'est sûrement que, contrairement à ces nombreuses créations qui replâtraient les failles de leur chorégraphie avec des tartines explicatives, le discours opère ici comme ces forces mystérieuses, à demi cachées, célébrant la métamorphose et l'hybridité, faisant confiance à la mémoire et la prescience du corps pour réenchanter.

***Encantado* de Lia Rodrigues, du 10 au 14 décembre au Centquatre à Paris dans le cadre du festival d'Automne, le 13 janvier à Brive (Corrèze), le 27 janvier à Anglet (Pyrénées-Atlantiques), le 31 janvier à Pau, le 2 février à Saint-Médard-en-Jalles (Gironde), le 5 février à Niort, le 10 février à Poitiers.**

/ portrait / Lia Rodrigues : danser pour survivre



[\[https://sceneweb.fr/wp-content/uploads/2021/10/lia-rodriques-photo-rsammi-landweer.jpg\]](https://sceneweb.fr/wp-content/uploads/2021/10/lia-rodriques-photo-rsammi-landweer.jpg)

Lia Rodrigues photo Rsammi Landweer

**Le Festival d'automne à
Paris consacre un portrait à
Lia Rodrigues à travers
plusieurs spectacle dont la**

création de Encantado, tandis que sa compagnie est invitée à tourner en région Aquitaine. Portrait d'une chorégraphe engagée.

« Peut-être que je danse pour survivre, pour être vivante, car je peux comprendre à travers mon corps ce que c'est d'être vivant » confie Lia Rodrigues dans un dialogue avec Suely Rolnik*. Depuis déjà 30 ans, la chorégraphe questionne nos mondes et tente d'élargir les horizons de la danse.

Une vie de danse

Après une formation classique à Sao Paulo, Lia Rodrigues fonde le groupe Andança. Un passage en France va lui permettre de croiser Maguy Marin avec laquelle elle danse au début des années 80. De quoi se consoler, Lia rêvant en effet de travailler avec Pina Bausch. A son retour au Brésil, elle s'installe à Rio de Janeiro qu'elle n'a plus quitté depuis. On lui doit également en 1992 le lancement d'un festival de danse pionnier, Panorama. Puis à la suite de son installation dans la favela de Maré, le Centre des Arts de Maré en 2009 et l'École libre de danse en 2012. Le lieu se veut ouvert à tous entre refuge et apprentissage. Lia Rodrigues va y créer ses pièces récentes comme Furia ou le très attendu Encantado. L'engagement de l'artiste est constant, non sans risque dans un Brésil dirigé par un président méprisant

ouvertement les artistes. Aidée par des fondations en Europe, Rodrigues continue plus que jamais sa mission. Créer. Et donner espoir.

Une chorégraphe engagée

Plus que politique, Lia Rodrigues est une artiste engagée : « Depuis les années 70, sous la dictature, alors qu'elle est étudiante à l'Université d'histoire, elle combine l'art et le mouvement politique, inventant sa propre contre-culture » écrit Guy Darnet, ancien directeur de la Maison de la danse de Lyon, dans ses mémoires *Danse la vie, danse la ville* (Hippocampe éditions). Ses pièces abordent –parfois de façon détournée– le passé colonial du Brésil ou son présent troublé. Les préoccupations liées à l'environnement sont tout autant présentes. Plus encore, Lia aime à dire que ses créations « tiennent dans une valise ou presque » en termes de décor. *Furia* était ainsi fait d'éléments recyclés, tissus ou accessoires. Une écologie du spectacle qui n'est pas qu'un principe, mais bel et bien une réalité. La compagnie vit de ses tournées et des soutiens des mécènes. Pour Lia Rodrigues, il y a urgence à avoir des priorités sociales. Mais la force visuelle et poétique de ses spectacles reste entière. Joli paradoxe.

Transmission et passion

L'idée de transmission est à l'œuvre dans le parcours de Lia Rodrigues. Même si chaque

jour elle en mesure la difficulté. Ainsi, Lia a adapté Ce dont nous sommes faits pour les élèves de l'Ecole libre de danse de Maré : une reprise prévue pour le Festival d'automne a, hélas, été annulée. Autre transmission, celle de Pororoca aux danseurs de la compagnie norvégienne Carte blanche. Devenue Nororoca au contact du grand Nord, la pièce a gardé la structure de départ. Mais Lia Rodrigues, présente à Bergen de longues semaines en 2020, a surtout incité les interprètes à bousculer, à recréer l'originale. Les « norvégiens » (même si la troupe est diverse) ont également fait le voyage au Brésil. Remarquant la verticalité des danseurs de Carte blanche, Lia Rodrigues a tenté de dévier celle-ci. Le résultat n'a pas la force de Pororoca mais dégage tout de même une belle énergie. Enfin, la transmission selon Lia se fait aussi dans l'autre sens : ainsi Maguy Marin a accepté de donner son May B légendaire aux jeunes danseurs de Maré. Preuve des liens d'amitié indéfectibles entre les deux femmes.

Une rencontre, Maguy Marin

Dans le documentaire, Maguy Marin l'urgence d'agir, Lia Rodrigues témoigne de sa rencontre avec la chorégraphe, de leur proximité –et de quelques fous-rires !. « En y repensant maintenant, rétrospectivement, j'ai l'impression d'avoir appris auprès de Maguy Marin qu'il existait un champ où ces choses se croisent et s'échangent » déclarent Lia

dans l'ouvrage La passion des possibles-Lia Rodrigues 30 ans de compagnie. A savoir que ce n'est plus binaire. On peut mélanger Beckett et la danse, pourquoi pas. Surtout, la brésilienne avoue avoir appris à ce moment-là « la production et la vente d'un spectacle, les costumes, le son, la lumière. Ca a été une école pour moi ».

Encantado, futur immédiat

Lia Rodrigues se nourrit souvent de nombreuses lectures avant une création. Elle échange aussi énormément avec son entourage et ses danseurs. Pour préparer Encantado la créatrice a surtout recruté de nouveaux danseurs, des auditions en ligne tout d'abord avec 200 inscriptions. Et chacun d'envoyer avec, une lettre d'intention et un solo. Lia a pris le temps de tout regarder. « C'était un diagnostic d'une partie des artistes de la danse au Brésil. J'ai été extrêmement touchée par cela ». Le titre même est très ouvert évoquant au Brésil « des esprits qui rendent des lieux sacrés en se déplaçant ». Une part non négligeable du budget de production vient de la région Aquitaine et des théâtres partenaires qui recevront le spectacle début 2022 après Paris. Comment «enchanter » le monde se demande Lia Rodrigues. En commençant par le danser.

Philippe Noisette – www.sceneweb.fr

*In La passion des possibles-Lia Rodrigues
30 ans de compagnie

Nororoca conception Lia Rodrigues, compagnie Carte Blanche 10 au 17 novembre, Théâtre National de Chaillot/Festival d'automne

Encantado conception Lia Rodrigues, Théâtre National de Chaillot du 1 au 8 décembre, du 10 au 14 décembre *Cenquatre Paris* avec *Le Festival d'automne*, *Puis Brive, L'Empreinte* 13 janvier 2022, *Anglet-Bayonne, Théâtre Quintaou* 25 & 27 janvier, *Pau, Espace Pluriels* 30 janvier *St-Médard-en-Jalles, Carré Colonne* 2 février, *Niort, Le Moulin du Roc* 5 février, *Poitiers, Le TAP* 9 & 11 février



[https://www.colline.fr/?utm_source=publicitemedia&utm_medium=Sc8-21nov&utm_term=FillesSL-Mere&utm_content=banniere-bas-page]

10 NOVEMBRE 2021 / PAR PHILIPPE NOISETTE